

UM FILME

SUDOESTE

de EDUARDO NUNES

por ELY AZEREDO

& RODRIGO DE OLIVEIRA

A LINGUAGEM DO TEMPO

por Ely Azeredo

Entre os 12 prêmios que *Sudoeste* colheu em mais de 30 festivais, nada simbolizou melhor sua estirpe vanguardista do que o prêmio de melhor diretor atribuído a Eduardo Nunes, em 2012, no Festival Zerkalo, florescente na região russa de Ivanovo, terra natal de Andrei Tarkovski, e que presta tributo ao autor de *Stalker*. Não por coincidência, também foram homenageados cineastas empenhados na renovação da linguagem do cinema neste século, como Nuri Bilge Ceylan (*Três macacos*) e Carlos Reygadas (*Luz silenciosa*). Eles confluem na mais fértil vertente do pensamento sobre essa arte: a que vê o cinema como construtor de equivalentes da relação colocada por Bergson entre a duração vivida e a memória.

De *Andrei Rublev* a *O sacrifício*, Tarkovski (1932-1986) desenvolveu uma narratividade nos antípodas de Eisenstein e diagnosticou no cinema de montagem o sacrifício de valores contidos na imagem e no “tempo” de cada plano. Em seu livro *Esculpir o tempo* (editora Martins Fontes) ele afirma que “o tempo, impresso em suas formas e manifestações fáticas, constitui a ideia suprema do cinema como arte”. Assim, o presente “esculpido” em uma imagem seria como um instantâneo que contém as duas tensões fundamentais do tempo vivido: a memória (ressurreição do passado) e a esperança (desejo do porvir).



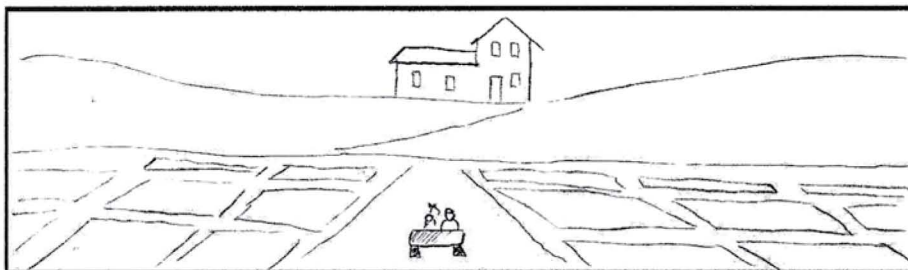
Embora atraído por influências de Carl Dreyer, Béla Tarr, Ingmar Bergman e do único filme de Mário Peixoto, *Limite*, *Sudoeste* escancara desde o início sua dívida maior – com Tarkovski – repetindo até as pegadas mais evidentes no caminho do russo: árvore desfolhada, aparições de um cachorro; ênfase em forças naturais como água, vento, fogo; as locações atemporais; e, *last but not least*, o rosto humano como paisagem. Neste particular avulta a reverência a Bergman, que tem títulos como *O rosto* e *Face a face*; e a Dreyer, que apontou como a “mais nobre experiência (...) registrar a expressão de um rosto sensível” e “vê-lo animar-se desde o interior, transformando-se em poesia”. O mistério poético de *Sudoeste*, roteiro original de Nunes e Guilherme Sarmiento, passa de rosto em rosto, através da cumplicidade que o diretor construiu com um elenco livre de clichês. Um exemplo é a marca indelével da veterana Léa Garcia (de *Orfeu negro*, realizado por Marcel Camus) como Dona Iraci, figura remanescente das parteiras-rezadeiras do interior. Ela só atua nos maravilhosos 20 minutos iniciais, quase sem palavras, mas deixa sua “aura” em toda a narrativa. “Conversamos muito sobre a personagem, e como a atriz seria importante para dar o tom de fábula”, disse-nos Eduardo Nunes. “Víamos nela um quê de realeza, sublinhado pela “coroa” formada por seu cabelo, os gestos lentos e nobres. Funciona como aquela personagem dos contos de fada, que sabe tudo o que vai acontecer e está disposta a sacrificar-se por isso”.

A ficção de Nunes e Sarmiento criou “um tempo circular que se instala na aparente linearidade da trama”, como escreveu Carlos Alberto Mattos. “Duas velocidades diferentes de tempo correm em paralelo”. O percurso vital de Clarice, limitado a um dia, e a existência normal dos outros, que contam com um futuro, embora vivendo em uma região salina onde a sobrevivência é precária.

Dona Iraci é chamada tardiamente para atender ao parto de uma estranha anônima, levada a uma pousada distante. Mas desse corpo agonizante ela consegue resgatar o bebê, acolhendo-o em sua cabana-palafita inacessível a olhares, no meio do lago. Clarice (que da vida só conhece seu nome) já vê o dia como criança curiosa; e vaga sem rumo pela vila quase deserta. À tarde ela se descobre moça, e se sente (ou sonha estar) grávida depois de insólito encontro com o palhaço de um desfile de folguedos populares. Envelhece antes que a noite caia e – sem ninguém à vista – deita-se já quase sem vida na pousada onde nasceu. Sua vida instantânea permanece um mistério – encarnado por Raquel Bonfante (Clarice menina), Simone Spoladore (moça) e Regina Bastos (envelhecida).

Observando dois filmes brasileiros relativamente recentes, *Lavoura arcaica*, de Luiz Fernando Carvalho, e *Casa de areia*, de Andrucha Waddington (que se inspirou na obra-prima *A mulher da areia*, de Hiroshi Teshigahara), tínhamos um sentimento de tempo tão substantivo como a luz e o ritmo, participando da dramaturgia de forma racional. Em *Sudoeste*, Eduardo Nunes ensaia uma visão espiritual e poética de dramaturgia, propondo uma narrativa feita de valores sedimentados nas imagens e nos sons. “O som e a imagem guardam informações e sentidos que um milhão de palavras não poderiam descrever”, já dizia nos anos 1990 (em texto publicado na revista *Cinemais*). “Porque sua essência não vem da razão. Seus mistérios só podem ser decifrados por nosso inconsciente.”

sudoeste



SEQ: 01A

PLANO: 04

MOV. DE CÂMERA: CÂMERA FIXA (LEVE GRUA?)

Contando com equipe formada basicamente por colaboradores dos curtas que realizou a partir de 1994, Eduardo Nunes esperou quase 10 anos (a contar do roteiro pronto) para concretizar o projeto *Sudoeste*. A demora também trouxe vantagens em maturação e equilíbrio. O filme ficaria com quase três horas (168 minutos) se ele não cortasse 40 minutos constituídos de cenas que, em seu entender, esgarçariam a estrutura da narrativa e perturbariam o fulcro da inspiração – a história de Clarice.

Sudoeste é um sucesso do que poderíamos chamar de economia da escassez. Contando com recursos modestíssimos (um milhão e 100 mil reais) para um trabalho de “ourivesaria”, a equipe teve que inventar uma logística intensa de criatividade em todos os setores. O produto final não parece, em momento algum, o primeiro longa-metragem de um cineasta.

O roteiro propunha uma vila atemporal, distante, semideserta, com uma pátina de decadência, à margem de um lago. Quando ainda em embrião, sem futuro definido, tinha formato de curta e (já prefigurando a textura definitiva) o título *Erosão*. Explorando locações no território fluminense, Eduardo Nunes e equipe encontraram uma réplica de sua imaginação: uma vila da restinga de Massambaba, no município de Arraial do Cabo, abandonada há mais de 40 anos. Só precisariam construir dois cenários importantes: a pousada e o moinho ao lado, de aparência expressionista, cuja roda “geme” inquietantemente.

Sudoeste é um filme em preto e branco enriquecido por uma “memória de cor”. De início foi pensado em cores, mas esta opção o aproximaria muito da realidade, fugindo ao tom de fábula. Ao optarem pelo preto e branco, Nunes e o diretor de fotografia e *cameraman* Mauro Pinheiro Jr. concluíram que seria importante trabalhar com negativo em cores para que a produção pudesse utilizar figurinos, elementos cenográficos e outros materiais coloridos em sua busca de uma textura de preto e branco. Assim foi possível encontrar nuances de imagem singulares, em sintonia com a abstração do estilo.

O ousado formato de imagem de *Sudoeste* – 3.66:1 – sugerido pelo diretor de fotografia é o maior de todos os empregados para projeção em tela única, segundo os históricos fidedignos. A imagem em Polyvision, criada pelo genial Abel Gance para seu *Napoleão*, lançado em 1927, adotava formato superior a 4:1, mas exclusivamente quando na projeção em tríptico (abrangendo três rolos de película projetados lado a lado, sobre três telas). Ao adotar o 3.66:1, Eduardo Nunes atendia inclusive à horizontalidade da região escolhida pela produção. O formato de *Sudoeste* amplia a liberdade do olhar do espectador e passa a sensação de um universo que transcende os limites humanos. É o perfeccionismo a serviço da poesia. ■

Ely Azeredo é crítico de O Globo, autor das coletâneas *Infinito cinema* (1988) e *Olhar crítico - 50 anos de cinema brasileiro* (2009). Foi um dos fundadores e primeiro editor da *Filme Cultura*.